

Eu nunca vou te deixar...

Fazia frio naquela noite. Muito frio.

Debaixo de um viaduto qualquer, num cantinho mais escuro, Beto e Vô Manduca aconchegavam-se em meio ao monte de papelões que os dois haviam empilhado dentro da carrocinha, depois de todo um dia a empurrá-la pelos quarteirões dos depósitos e dos armazéns, o melhor lugar para encontrar boas pilhas de papelão.

Logo que amanhecesse, aquilo tudo seria vendido a alguma fábrica de papel e eles teriam dinheiro para sobreviver por mais um dia. Mais um dia para empurrar novamente a carrocinha, catando mais papelão para vender e sobreviver por mais um dia, para catar mais papel...

No meio do papelão amontoado na carrocinha, o frio quase não penetrava, e Beto começou a adormecer, ouvindo os mesmos sons de todas as noites, o barulho dos carros que passavam, o tempo todo, ao lado e em cima do viaduto sob o qual estava estacionada a carrocinha.

Em noites como aquela, costumava haver mais um hóspede dentro da carrocinha: um gato. Um gato qualquer, pobre e sujo como eles. Qualquer gato fosco, de indefinida cor e sem nome, que às vezes aparecia para filar uns restos do jantar e acabava pegando uma carona no meio dos trapos, dos papelões e dos dois seres humanos que o acolhiam.

Quase todas as noites, Beto procurava arranjar um gato como aquele. De manhã ele sumiria, como sempre somem os gatos sem dono. Mas pelo menos durante a noite teria sido uma companhia para ele. Um pedaço vivo, magrelo, quente. Um brinquedo bom de acariciar enquanto o sono não vinha.

Muitas vezes, principalmente quando fazia frio, abraçado com o gato vagabundo que acolhera, Beto sonhava com um gato só dele:

– Sabe, vô Manduca? Eu queria um gato que ficasse com a gente. Um gato que aprendesse a me reconhecer. Que todos os dias comesse na minha mão. Que olhasse para mim quando eu o chamasse pelo nome. O nome que eu mesmo daria para ele...

Vô Manduca sorria seu sorriso sem dentes, acariciava a carapinha do menino e mostrava sua sabedoria das ruas:

– Durma, Beto. Gatos vagabundos não faltam. Enquanto você tiver algum resto de comida para oferecer, sempre encontrará um gato para comer na sua mão.

Vô Manduca dissera uma vez que gatos não se apegam às gentes. Só se apegam às casas, onde recebem comida. Toda vez que se lembrava disso, Beto sonhava com uma casa. Uma casa onde morassem os três: ele, vô Manduca e o gato. De tijolos e telhas. Um sonho bom de se sonhar.

Só os gatos pretos nunca dormiam no abraço do menino. Vô Manduca não deixava. Dizia que eles davam azar.

– Gatos pretos não são gatos, Beto – dizia vô Manduca com um estranho brilho no olhar. – São almas penadas, fugidas do inferno. Quando cruzam o caminho de uma pessoa, essa pessoa está danada. Sete coisas ruins vão acontecer pra ela. Fuja dos gatos pretos, menino!

– Mas você também é preto, vô Manduca. E eu também sou...

– Nada disso! A gente é gente. Gatos pretos nada têm a ver com gente preta. Gato preto dá azar por sete anos inteirinhos!

– E a gente, vô Manduca?

– A gente tem sorte, menino. Eu tenho a você e você tem a mim. Quer melhor sorte do que essa?

Não. Beto não podia querer melhor sorte do que aquela. Muitas vezes ficava distraído, olhando os outros meninos, bem-vestidos, de nariz limpo e empinado, sendo levados à escola em carros bonitos. Mas Beto já se acostumara a pensar que aqueles meninos eram mesmo diferentes dele.

Ele bem que gostaria de... de quê? De andar naqueles carros, de estudar naquelas escolas? De poder passear livremente dentro do *shopping* de onde ele fora expulso aos pescoções na única vez que tentou entrar para olhar as vitrinas iluminadas?

Tinha sido perto do Natal e ele... Naquele dia, Beto havia chorado muito, abraçado ao velho trapeiro:

– Não me deixe, vô Manduca! Não me deixe!

– Eu nunca, nunca, vou te deixar, Beto, meu menino... Eu sempre vou estar ao seu lado. Confie em mim...

Beto só sabia que era Beto. Não sabia muito mais do que isso. Sabia também que

não estava sozinho no mundo. Tinha vô Manduca para cuidar dele.

Pouco mais do que isso Beto possuía. Nem a própria idade sabia e não tinha certeza se vô Manduca era ou não seu avô de verdade. O velho desconversava cada vez que ele tentava saber quem tinham sido seus pais.

Beto frequentara a escola pública durante algum tempo. Lembrava-se muito bem do dia em que os dois estavam na secretaria da escola às voltas com o problema de preencher a folha de matrícula.

– Hum... – fizera vô Manduca. – Aqui diz que eu devo escrever o seu nome completo, Beto.

O menino era pequeno e, até aquele momento, “Beto” tinha bastado como nome para ele. Só naquela ocasião ele tomara consciência de que, para existir nos papéis, era preciso alguma coisa mais que “Beto”.

– Nome completo... Como é o seu nome completo, Beto?

– Eu... eu... você não sabe, vô Manduca?

– Eu? Quem deve saber do seu nome é você. Afinal, seu nome tem de ser seu, não tem de ser meu. Vamos ver... Hum, acho que Beto deve ser o mesmo que Alberto...

– Alberto? Não pode ser Roberto?

– Pode. É claro que pode. Então vai ser Roberto. Mas Roberto de quê? Todo Roberto precisa ter sobrenome, menino!

O menino lembrava-se daquele dia como se aquele fosse o dia do seu nascimento.

– Acho que tem de ser um sobrenome igual ao seu, não tem?

– Igual ao meu? Mas eu sou só “vô Manduca”, não sou nada mais.

– Então eu tenho de ser Roberto Manduca.

– Ótimo! Roberto Manduca! Está resolvido. E aqui? Aqui nós temos de escrever a data do seu nascimento. Quando é o seu aniversário, Beto?

– Eu não sei. Você não sabe, vô Manduca?

– Que tal hoje? Hein? Que tal fazermos seu aniversário hoje?

– Pode ter doce?

– Claro que pode! – respondeu vô Manduca, batendo no bolso. – Eu tenho até um dinheirinho aqui!

E foi assim que surgiu no mundo um certo Roberto Manduca, matriculado na esco-

la e comemorando seu nascimento na padaria, com guaraná e sonhos cheios de mingau amarelo.

A escola exigira que fosse apresentada uma certidão de nascimento. Vô Manduca foi logo dizendo que a certidão estava em casa e que a traria depois. Casa? O velho e o menino moravam na única propriedade dos dois, a carrocinha que transportava papel velho catado no lixo. Dormiam debaixo da carrocinha, ou dentro dela, quando chovia e quando fazia frio, espremidos um contra o outro, aproveitando o calor de seus corpos. A carrocinha podia estacionar em qualquer lugar onde eles estivessem quando resolvessem parar de revirar latas de lixo.

Assim, em que casa estaria a tal certidão de nascimento? O velho foi empurrando a promessa, adiando, cada vez que o menino trazia uma cobrança da secretaria da escola a respeito da tal certidão. E Beto estudou sem certidão nenhuma, até que teve de abandonar os estudos e dedicar-se o dia todo a ajudar vô Manduca, que envelhecia e já não podia empurrar sozinho a carrocinha.

Sua vida era mesmo aquela, junto com vô Manduca, catando papéis e dormindo debaixo de viadutos. O que ele poderia querer mais? Talvez um gato só dele, para sempre dele. E uma casa para ter o gato.

Uma casa! Um sonho feito de tijolos e de telhas. Ah, sim: sua casa haveria de ter tijolos e telhas! Nada daqueles barracos feitos com cacos de madeira e pedaços de plástico, como os da favela. A sua casa haveria de...

Beto sonhava mais ou menos os mesmos sonhos todas as noites. Mas eram melhores as noites em que algum gato dividia a carrocinha com eles. Aconchegado ao seu peito, o ronronar do gato era um som gostoso, um carinho que o animalzinho devolvia em troca dos afagos do menino. E o menino acabava adormecendo, embalado pelo ronronar do companheiro e pelo ressonar de vô Manduca. Naquelas noites, Beto sentia-se feliz.

Só que, desta vez, não havia gato na carrocinha para adormecer no seu abraço. Nenhum gato tinha aparecido e... Bem, havia um gato. Um gato preto, daqueles que vô Manduca tentava enxotar benzendo-se e murmurando esconjuros, com aquele estranho brilho no olhar. O gato pareceu perceber que não devia aproximar-se e ficou meio de longe, sentado, olhando fixamente o pobre jantar dos dois.

Beto deixara sobrar boa parte da comida que o velho tinha arranjado para eles na-

quela noite. Colocou a comida em cima de um jornal dobrado e levou-a até o gato. O animalzinho olhou-o fixamente com aqueles olhos amarelos e em seguida concentrou-se na comida.

Vô Manduca nada disse. Recolheu-se no meio dos papelões da carrocinha, ajeitando-se para deixar espaço para o menino.

Beto ocupou o seu lugar. Aconchegou-se ao lado do velho, enrodilhando-se de frio.

Pela fresta entre as tábuas da carrocinha, viu o gato preto, sentado no mesmo lugar, imóvel. Os olhos do gato brilhavam no escuro.

Sentindo o peso do sono, aquecido pela proximidade de vô Manduca, Beto adormeceu.

Não viu o gato, que se aproximava da carrocinha e entrava debaixo dela, mesmo sem ser convidado.

Um murmúrio externo mostrou que eles não estavam mais sós, debaixo daquele viaduto. Era um barulho de quase nada, mas Beto acordou e olhou pela fresta da carrocinha.

Três vultos reuniam-se perto deles, na sombra mais escura do viaduto, protegendo-se da iluminação noturna da avenida, sem perceber que havia gente debaixo daquele monte de papelão e jornais velhos.

Falavam baixo, aos cochichos e, embora estivessem sentados quase ao lado do Beto, não dava para entender direito o que diziam.

– ... deu certo! Ih, ih, ih! Deu mais que certo...

– ... quanto será que tem aí?

– ... monte de grana...

– ... tomara que o Doutor chegue logo...

– ... o Doutor deu a dica direitinho. Ele sabe bolar um assalto...

Um carro acercava-se lentamente, com os faróis apagados. Parou. A porta foi aberta e mais um vulto recortou-se contra a fraca iluminação que vinha da avenida.

– ... é o Doutor...

– ... como planejamos...

Beto segurou a respiração. O que fazia aquela gente?

– Deu tudo certo, Doutor... – começou uma voz.

A resposta do recém-chegado, que chamavam de Doutor, veio mais baixa ainda, sussurrante:

- Tudo certo mesmo?
- ... mais que certo, Doutor. Uma grana das grandes...
- E os papéis?
- ... tudo aqui. Isso vale dinheiro, Doutor?
- Por que quer saber?
- ... se vale grana, a gente quer a nossa parte...

Depois de uns segundos de silêncio, a voz do Doutor veio mais forte:

- Pois aqui está a parte de vocês!

Três vezes um brilho de fogo surgiu mais ou menos da altura da barriga do recém-chegado. Quase nenhum barulho saiu junto. O revólver do Doutor tinha silenciador.

Um a um, os três vultos desmoronaram, desaparecendo na escuridão do asfalto.

O Doutor deu dois passos, apontou a arma para baixo, em direção à cabeça do primeiro.

Outra vez o brilho, quase sem som. Sob o impacto da bala, a cabeça atingida deu um tranco.

A arma foi apontada para o segundo, e outra cabeça tremeu sob o brilho da pequena explosão.

Faltava o último, que caíra bem próximo à carrocinha. Gemia, agonizante. O Doutor apoiou uma das mãos na carrocinha, enquanto estendia o outro braço para o chão, na direção dos gemidos.

Beto mordeu o lábio, segurando um grito de pavor. Uma mão apertou-lhe o braço: vô Manduca também acordara e procurava transmitir calma ao menino. Estavam os dois tão mudos quanto o monte de papelão.

A arma brilhou mais uma vez. O volume atingido foi sacudido pelo impacto da bala. Algo esguichou na direção da carrocinha, como se alguém urinasse para cima.

O esguicho de sangue entrou pela fresta e respingou no rosto do menino.

Beto não conseguiu mais conter um grito, meio abafado, mas o suficiente para que o rosto do Doutor se voltasse para a carrocinha.

Os faróis de um carro que fazia a curva iluminaram brevemente a cara do Doutor. Dois olhos de ódio fixaram-se por um momento no olhar apavorado de Beto.

Foi apenas um instante. No momento seguinte, surgindo do meio do papelão, um

braço girou no ar e foi encontrar em cheio a cara do Doutor.

– Fuja, Beto! Corra!

O velho e o menino saltaram do meio dos papelões, como bonecos de mola pulando para fora de uma caixa de surpresas.

Atingido pelo punho do velho vô Manduca, o Doutor caíra para trás, atordoado.

Os dois tiveram aquele breve momento para correr. Saíram sem rumo, pela avenida deserta.

O menino podia correr mais, mas agarrou-se à mão do velho, puxando-o.

– Me larga, Beto. Corra, menino!

Mas Beto não o largava.

– Venha, vô Manduca! Força! Eu não vou deixar você!

O velho levou a mão ao peito. Apoiou as costas em um poste. Um esgar de dor crispava-lhe o rosto enrugado. Vô Manduca gemeu e caiu para a frente, como um fardo pesado.

Beto ajoelhou-se, aflito, e girou o corpo do velho.

– Vô Manduca! Vô Manduca! Levante, vamos!

Mal-iluminado pelas luzes do poste, vô Manduca olhava o rosto de Beto, suplicava que se falasse, sem nada dizer.

Um ruído gorgolejante saía de sua garganta.

– Vô Manduca! Vamos, vô Manduca! Você tem de levantar!

Um pequeno vulto estranhamente acompanhara os dois na fuga. O gato. O mesmo gato preto que testemunhara a cena brutal.

Beto não tinha tempo de perguntar-se por que aquele gato estava ali, ao lado do velho, como se também se desesperasse com a situação, como se pressentisse a morte próxima, mais uma para somar-se aos três assassinatos covardes que eles haviam testemunhado.

– Vô Manduca! Por favor! Você prometeu, vô Manduca! Você prometeu que nunca ia me deixar!

O braço do velho estendeu-se para o gato. Frouxamente, aproximou-o do peito.

O gato não tentou fugir e deixou-se abraçar.

Vô Manduca envolveu o gato e, de sua garganta, as palavras saíram a custo, junto

com a rouquidão da morte:

– Eu prometi, sim, Beto, meu menino... Eu nunca, nunca vou te deixar... Olhe, este gato preto... este não vai dar azar. Vai dar sorte, muita sorte pra você... Meu menino, eu prometi... Nunca, nunca vou te deixar...

Havia uma terna expressão de amor nos olhos daquele velho. Naqueles olhos que se imobilizaram, vitrificaram-se, enquanto os braços afrouxavam-se e caíam moles na calçada.

Os outros olhos, os do gato, brilharam, refletindo a fraca iluminação da avenida.

– Vô Manduca! Vô Manduca!

O menino não pôde gritar mais. Um braço forte colheu-o por trás e ergueu-o do chão, como se ele fosse recheado de penas. Beto quis gritar, desta vez de dor e horror, mas a mão fechava-se em torno do seu pescoço, espremendo-lhe o pedido de socorro.

Aquela cara assustadora estava a um palmo do rosto do menino e aqueles olhos assassinos encaravam-no, decretando sua sentença de morte.

A outra mão aproximou-se com o revólver, e o cano, ainda quente das mortes que havia causado, colou-se à sua têmpora. O dedo premeu lentamente o gatilho, saboreando o momento em que a cabecinha de Beto explodiria, espalhando sangue e miolos para todos os lados.

Mas foi somente um *clic* que se ouviu. O Doutor gastara todas as balas assassinando duas vezes aqueles três bandidos que tinham acabado de entregar-lhe o produto do grande roubo realizado sob seu comando.

O Doutor soltou um urro de desapontamento. Mas não precisava de balas para liquidar aquela frágil testemunha. Era só apertar um pouco mais a pequenina garganta do menino. Era só esmagar devagarinho, arrancando a vida com a ponta dos dedos.

Ouviu-se um espécie de grito. Não um grito humano, mas um berro animal, agudo e furioso, sobre-humano. Uma sombra negra pulou do chão e atracou-se à cara do Doutor.

O gato! Era o gato que cravava as unhas na cara assassina.

O Doutor urrou de dor, tentando arrancar a negra massa vingadora que o agredia, que o unhas sem piedade. Os dedos largaram a garganta do menino e Beto caiu na calçada.

Tossindo, retomando a custo a respiração, puxando em largos haustos o ar para os pulmõezinhos vazios, engasgando, Beto recuperou-se um pouco. Levantou-se, cambaleou um instante sem rumo mas, junto com a vida que voltava a correr-lhe pelas veias, voltou-lhe

a consciência do perigo. Sem olhar para onde, pôs-se a correr.

O Doutor caíra para trás, lutando com o gato. Com um repelão, conseguiu afastá-lo do rosto, jogando-o longe. As garras do gato saíram-lhe do rosto arrancando pele, tirando sangue, dilacerando.

O Doutor gemeu. Por um momento, apertou o próprio rosto, lanhado pelo gato. Mas ergueu os olhos e viu o menino já a uns bons metros, correndo o mais que podia.

Virou-se e correu para o carro. Em um minuto engatava a primeira marcha e atirava o carro, a toda velocidade, na direção do garoto.

Beto percebeu o que fazia o assassino. Era preciso correr, correr tudo o que pudesse, e tentar livrar-se da morte certa.

Uma sombra corria ao seu lado.

O gato. O gato, que facilmente o ultrapassou e correu para uma esquina. Correu e parou, voltando os olhos para o Beto. Eram dois pontos amarelos, que pareciam apontar-lhe alguma coisa. Parecia que o gato indicava-lhe para onde correr.

Não havia tempo para pensar. Os pneus do carro do Doutor já cantavam, aproximando-se dele.

O menino dobrou a esquina. O gato correu à sua frente, disparou como um raio negro e parou novamente, na esquina da próxima rua. Mais uma vez, parecia indicar-lhe o caminho.

O carro perseguidor guinchou ao fazer a curva, no encalço do fugitivo.

Beto corria como um louco, seguindo o caminho apontado pelo gato.

Mas suas pernas já não aguentavam mais. Faltava comida em seu organismo, faltava-lhe a força que centenas de refeições fracas, de refeições ausentes, tinham reduzido.

Beto diminuiu um pouco a corrida e caiu, exausto.

Tentou levantar-se e caiu de novo.

Estava em frente a uma construção iluminada. Levantou a cabeça, tonto, arfando, o corpo doendo, ardendo, o coração sofrendo, chorando, a mente confusa, nublada, desesperada.

À frente das luzes que vinham de uma porta dupla de vidro, estava o gato. Atrás dele, Beto pensou distinguir alguns vultos, mas não teve tempo de assegurar-se de nada. O carro perseguidor freara guinchando a seu lado e já o corpo do Doutor debruçava-se sobre ele.

Não pôde esboçar a menor resistência. As mesmas mãos envolveram-lhe nova-

mente a garganta. O menino cerrou os olhos, apertado. Nada mais havia a fazer. Ele partiria também. Junto com vô Manduca. Quem sabe não reencontraria seu querido velhinho, talvez num lugar mais bonito, onde meninos não precisassem catar papelão no lixo, onde não houvesse sofrimento, onde não houvesse dor? Um lugar onde houvesse uma casa com tijolos e com telhas, onde ele poderia ter, finalmente, o seu gato de estimação?

Estranhamente, as mãos abriram-se e seu corpo sentiu-se novamente solto, caindo na calçada.

Surpreso, Beto abriu os olhos.

Dois ou três homens agarravam o Doutor e o puxavam fortemente para trás, afastando-o do garoto, envolvendo-lhe o pescoço, torcendo-lhe os braços atrás das costas.

Beto olhava a cena, tentando a custo compreender o que acontecia. Na porta dupla de vidro, atrás daqueles homens que não tinham dificuldade em dominar o assassino, havia alguma coisa escrita em grandes letras de forma.

Beto saíra da escola, mas saíra pelo menos sabendo ler.

Naquela porta estava escrito "DELEGACIA"!

Recuperou o fôlego aos poucos. Viu o Doutor ser arrastado à força para dentro do prédio iluminado.

"Vô Manduca...!", chorava a sua alma por dentro, "Vô Manduca..."

Alguma coisa roçou-lhe o braço, que se apoiava na calçada.

O gato. Era mais uma vez o gato, agora trazendo-lhe um agrado, depois de lhe ter salvado a vida.

Beto pegou-o no colo e apertou-o contra o peito.

– Vô Manduca! Você não me abandonou, vô Manduca!

Uma moça de uniforme policial abaixou-se ao seu lado. Passou ternamente o braço em volta do seu ombro.

– Venha menino. Venha comigo. Não precisa ter medo. Nós vamos cuidar de você. Primeiro um banho, depois uma sopa bem quentinha e, depois... cama! Venha. Você não está mais sozinho.

Beto sorriu. Levantou-se, sempre com o gato no colo, e encarou o rosto simpático da policial.

– Não, senhora. Eu nunca estive sozinho!